

A CONTRIBUIÇÃO PURITANA NA LITERATURA COLONIAL AMERICANA: DIÁRIOS, SERMÕES, POESIA

Divanize Carbonieri (divacarbo@hotmail.com)

Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), Cuiabá, Mato Grosso, Brasil

Águida Aparecida Gava (guidag@gmail.com)

Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), Cuiabá, Mato Grosso, Brasil
Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), Sinop, Mato Grosso, Brasil

Resumo: Este artigo investiga a contribuição dos primeiros escritores puritanos na literatura colonial dos Estados Unidos e na constituição da imaginação e da personalidade do povo americano. São enfocados três momentos da experiência puritana na América: a chegada dos primeiros peregrinos em 1620, o desembarque do segundo grupo em 1630 e a transição entre o puritanismo e as ideias iluministas no século XVIII. Examinando autores representativos dos três principais gêneros da escrita puritana americana – o diário, o sermão e a poesia –, pretende-se discutir questões como o modo como os puritanos interpretaram sua vida na América, a crença na sua excepcionalidade e também as tensões que sentiam e que deixavam escapar em seus textos.

Palavras-chave: Estados Unidos. Literatura colonial. Puritanos. Excepcionalidade.

THE PURITAN CONTRIBUTION IN AMERICAN COLONIAL LITERATURE: JOURNALS, SERMONS, POETRY

Abstract: This paper investigates the contribution of the first Puritan writers in the United States' colonial literature and in the constitution of the American people's imagination and personality. Three stages of the Puritan experience in America are highlighted: the arrival of the first pilgrims in 1620, the landing of the second group in 1630, and the transition between Puritanism and Enlightenment in the 18th century. Examining some representative authors of the three major genres of American Puritan writing – journals, sermons, and poetry –, we intend to discuss issues such as how the Puritans interpreted their life in America, the belief in their exceptionality and also the tensions they felt and that leaked into their texts.

Keywords: United States. Colonial literature. Puritans. Exceptionality.

Artigo recebido em 14 set. 2015 e aceito em 30 out. 2014.

Introdução

Em que momento podemos situar o início do que normalmente denominamos como literatura americana? É uma questão que a princípio parece fácil de responder, mas talvez não seja assim tão simples. A resposta a ela envolve obviamente o que se deseja incluir na história literária americana, mas também – e principalmente – o que se deseja excluir. De acordo com Richard Ruland e Malcolm Bradbury (1992), por exemplo,

[o] continente americano possuía grandes civilizações pré-colombianas, com um profundo legado de cultura, mitologia, ritual, canto e poesia. Muitos escritores americanos, especialmente em períodos mais recentes, têm olhado para essas fontes como algo essencial para a cultura americana, e a extraordinária variedade e visão a ser encontrada ali contribuem muito para a complexidade e para a crescente multiétnica da experiência americana contemporânea. Mas essa não é a tradição originária do que chamamos agora de literatura americana. Isso veio do encontro entre a terra, com seus “índios” esquivos e normalmente desprezados, e os descobridores e colonos que deixaram as culturas desenvolvidas e cultas da Europa renascentista, primeiro para explorar e conquistar, e depois para povoar o que eles geralmente consideravam um continente virgem – um “Novo Mundo” já prometido a eles em sua própria mitologia, descoberto agora por seu talento e curiosidade. (RULAND; BRADBURY, 1992, p. 3, tradução nossa)

Nessa abordagem, a literatura americana é inaugurada com a chegada ao continente dos europeus que iriam ocupá-lo e que traziam na bagagem uma visão pré-existente da América como uma terra desabitada, mas plena de promessa, um território já delineado por todo um conjunto de narrativas anteriores centradas no maravilhoso e no deslumbramento diante do novo. Em outras palavras, a “ideia da América como um lugar excepcional [...] não é um mito do moderno nacionalismo americano ou da retórica política recente, [mas] uma invenção da Europa” (RULAND; BRADBURY, 1992, p. 5, tradução nossa). Essas expectativas há muito alimentadas não foram obviamente cumpridas na totalidade, já que as paisagens desconhecidas e frequentemente exuberantes também encerravam perigos por vezes letais. Mas, segundo esses autores, a literatura americana nasceu exatamente do

conflito entre o que era esperado e o que efetivamente se encontrou, tornando-se uma espécie de continuação da literatura europeia e excluindo, assim, a experiência dos grupos humanos que já viviam no continente e que foram, em grande parte, exterminados tanto física quanto culturalmente.

Mas essa não é a única possibilidade de leitura. Para o escritor pertencente ao grupo indígena Kiowa, N. Scott Momaday (1988),

[a] literatura americana começa com a primeira percepção humana da Paisagem Americana expressada e preservada na linguagem. Nós normalmente entendemos que a “Literatura” significa mais do que a escrita. A escrita, se considerarmos que essa palavra indica certas construções visíveis dentro de um conjunto de alfabetos, não tem mais do que seis ou sete mil anos, assim somos informados. A linguagem e, nela, a formulação desse registro cultural que é a literatura são incalculavelmente mais antigas. A tradição oral é a fundação da literatura. (MOMADAY, 1988, p. 6, tradução nossa)

Por essa perspectiva, a literatura americana teria começado com as primeiras manifestações dos grupos indígenas da América, suas narrativas e poesia orais, muito anteriores ao desembarque dos europeus. Ainda que a afirmação de Momaday de que a literatura é maior do que a escrita pareça ser praticamente incontestável sob qualquer ponto de vista, o seu posicionamento político de incluir a experiência indígena na tradição literária americana, inclusive em seu início, é obviamente bem mais controverso, não sendo partilhado pela maior parte dos críticos mais ortodoxos. A chamada literatura *Native American* representa um resgate desse legado ancestral, efetuado principalmente em língua inglesa, e tem encontrado um espaço considerável na produção literária mais recente dos países da América do Norte, mas ainda é vista como uma vertente minoritária num fluxo composto por correntes mais caudalosas.

O objetivo deste artigo é investigar os primórdios daquela que se tornou a corrente majoritária da literatura estadunidense, examinando a contribuição dos primeiros autores puritanos na América, principalmente porque suas obras parecem ter sido fundamentais para forjar alguns aspectos constitutivos da imaginação e personalidade americanas. São examinados três momentos da experiência puritana na América. O primeiro deles se

refere à chegada dos primeiros peregrinos puritanos ao território e à importância do diário pessoal como fonte de registro histórico e reflexão. O segundo abrange a segunda leva de puritanos desembarcados na região e examina a tradição de sermões que se instalou a partir dali no país e a produção poética ímpar de uma mulher, revelando as restrições, tensões e resistências do universo doméstico feminino no período. Por fim, o terceiro momento está relacionado à transição ocorrida, no século XVIII, entre o puritanismo e as ideias iluministas.

De acordo com Perry Miller (1956), os puritanos eram ingleses que adquiriram esse nome porque seu objetivo era “purificar” a Igreja Anglicana da Inglaterra. Miller afirma que eles pretendiam continuar a reforma iniciada por Henrique VIII, tentando extirpar da Igreja tudo o que considerassem estar corrompido ou em desacordo com a Bíblia, como a hierarquia episcopal, o livro de orações, todo o ritual ostensivo, as vestimentas e a celebração do Natal. Eles desejavam implantar um serviço religioso tão simples quanto possível. Contudo, os Atos de Supremacia e Uniformidade de 1559, instituídos por Elizabeth I, estabeleceram finalmente a Igreja da Inglaterra como uma combinação entre o Protestantismo e o Catolicismo Romano conservador e tradicional, mantendo muitos elementos do ritual católico. Os puritanos se tornaram, então, inimigos do estado inglês. Tentando escapar à perseguição religiosa, muitos deles imigraram primeiro para a Holanda e depois para a Nova Inglaterra, uma área na região Nordeste do que é hoje os Estados Unidos da América. Eles foram alguns dos primeiros peregrinos da história americana, e o que escreveram está na base da literatura *mainstream* do país.

Chegados a bom porto

Na verdade, o primeiro assentamento permanente inglês foi estabelecido no Sul do território americano em 1607, recebendo o nome de Jamestown em homenagem ao rei. Tratava-se de uma colônia com fins mercantis, fundada pela Companhia de Londres, uma das duas empresas designadas por James I para explorar a América do Norte. Depois de vencidas as dificuldades iniciais de fixação na terra, os funcionários dessa companhia começaram a cultivar tabaco ali, tendo como alvo a crescente demanda por fumo no mercado inglês. Eles acabaram comprando lotes

da companhia para cultivar suas próprias plantações, transformando-se nos primeiros proprietários de terras sulistas. Com cada vez mais terra sendo disponibilizada para o plantio, uma mão de obra maior começou a ser necessária. No início, os sulistas empregavam trabalhadores brancos contratados, geralmente europeus desvalidos, que, sem recursos para bancar os custos da viagem para o Novo Mundo, trabalhavam, nas plantações americanas, em troca da passagem e da subsistência cotidiana por um número de anos, depois do que ganhavam a liberdade e podiam cultivar sua própria terra.

A partir de 1619, trabalhadores negros começaram a ser trazidos para a América nesse mesmo sistema, o que impôs uma séria questão para os proprietários brancos: se esses negros se tornassem livres ao término de seu contrato, poderiam viver desembaraçadamente em meio à sociedade sulista, obrigando seus membros a conviver com uma raça que julgavam inferior. Dessa forma, o contrato dos negros passou a ser vitalício e, em 1661, a escravização tornou-se uma instituição oficial. Logo a região Sul ficou conhecida como uma terra de imensas propriedades baseadas na mão-de-obra escravizada.

Apesar da grande prosperidade obtida por algumas famílias sulistas nos séculos XVII e XVIII, elas não foram capazes de produzir uma quantidade significativa de obras literárias antes do período da Revolução Americana. Sculley Bradley, Richmond C. Beatty e E. Hudson Long (1967) explicam que isso acontecia porque os centros urbanos do Sul eram pequenos e distantes uns dos outros, e a população se compunha principalmente de poucos aristocratas e milhares de escravizados, juntamente com uma pequena classe média branca de indivíduos geralmente iletrados. Nesse sentido, não era uma situação muito favorável para a produção e a divulgação da literatura. Além disso, os sulistas eram principalmente anglicanos tradicionais e não se viam como imbuídos do mesmo sentido de missão que os puritanos.

Os puritanos chegaram à Nova Inglaterra apenas em 1620, tendo imigrado por motivos religiosos e não comerciais. Seu principal objetivo não era produzir lucro, mas antes criar uma sociedade no Novo Mundo, em que pudessem professar livremente sua fé. Mesmo assim, eles batizaram sua colônia de Plymouth Plantation, usando o nome da segunda companhia

mercantil instituída por James I, que havia, até então, fracassado em seus esforços de colonizar a região Norte do território americano em virtude de seu clima rigoroso. Na verdade, inicialmente os puritanos tencionavam desembarcar no Sul porque o sucesso da colônia sulista já havia se espalhado pela Europa. Porém, uma tempestade fez com que o navio Mayflower, que os transportava, aportasse nas costas do que é hoje o estado de Massachusetts, em pleno inverno. Essa chegada legendária foi registrada por William Bradford, um dos líderes desses primeiros peregrinos, em seu diário, mais tarde intitulado *Of Plymouth Plantation*, no qual ele narrou todo o processo de implantação da colônia:

Being thus arrived in a good harbor, and brought safe to land, they fell upon their knees and blessed the God of Heaven who had brought them over the fast and furious ocean, and delivered them from all the perils and miseries thereof, again to set their feet on the firm and stable earth, their proper element. [...] Being thus passed the vast ocean, and a sea of troubles before in their preparation [...], they had now no friends to welcome them nor inns to entertain or refresh their weatherbeaten bodies; no houses or much less towns to repair to [...]. And for the season it was winter, and they that know the winters of that country know them to be sharp and violent [...]. (BRADFORD, 2012, p. 125)¹

Bradford enfatiza, nesse trecho, o caráter desabitado do território em que seu grupo desembarcou, o que reforça o estado de desolação e desamparo em que se encontravam, lançados à própria sorte num terreno desconhecido, mas também revela uma imagem preconcebida da América como um espaço vazio, desprovido de qualquer ocupação humana até a sua chegada. As dificuldades enfrentadas, tanto antes da viagem, ainda na Holanda, que sempre lhes parecera um local inadequado em virtude da língua e cultura diferentes, quanto durante a travessia, cruzando um oceano inclemente, são mencionadas numa tentativa de ressaltar o papel da Providência divina ao assegurar-lhes um desembarque seguro e a perseverança para vencer revezes e intempéries. Bradford ainda faz um uso significativo do pronome na terceira pessoa do plural, embora ele também fizesse parte dessa expedição inaugural, criando um ponto de vista elevado,

virtualmente divino, a partir do qual as experiências dos puritanos são observadas e avaliadas.

Ainda que a princípio julgassem estar sozinhos naquela terra inóspita, não tardou que os puritanos percebessem a presença de seus vizinhos indígenas:

All this while the Indians came skulking about them, and would sometimes show themselves up aloof off, but when any approached near them, they would run away; and once they stole away their tools where they had been at work and were gone to dinner. But about the 16th of March, a certain Indian came boldly amongst them and spoke to them in broken English, which they could well understand but marveled at it. [...] They understood by discourse with him, that he was not of these parts, but belonged to the eastern parts where some English ships came to fish, [...] amongst whom he had got his language. His name was Samoset. He told them also of another Indian whose name was Squanto, a native of this place, who had been in England and could speak better English than himself. [...] Squanto continued with them and was their interpreter and was a special instrument sent by God for their good beyond their expectation. He directed them how to set their corn, where to take fish, and to procure other commodities, and was also their pilot to bring them to unknown places for their profit, and never left them till he died. (BRADFORD, 2012, p. 136-143)

O prenúncio em relação a esse encontro não parecia ser dos mais favoráveis, uma vez que, de acordo com o relato de Bradford, os índios eram esquivos, espreitando os colonos brancos furtivamente e até se apropriando de seus pertences. Mas, graças a uma ocorrência extraordinária, o surgimento de dois índios que sabiam falar inglês, a relação entre eles evoluiu para uma interação amigável e cordial, embora ainda um tanto desnivelada, com os índios, particularmente Squanto, ajudando-os a sobreviver naquele cenário selvagem e a retirar da natureza o que necessitassem para o seu sustento, sem parecer receber nada equivalente em troca. Que Bradford classifique Squanto meramente como um instrumento enviado por Deus para aliviar as aflições dos puritanos não parece ser algo acidental. Logo em seguida, os puritanos aprenderiam a dar graças a Deus

por sua sobrevivência, numa cerimônia que iria se perpetuar na tradição cultural americana, enquanto os índios que os auxiliaram passariam a ser aniquilados em fases sucessivas da sua história.

Bradford também registrou, em seu diário, o acordo firmado entre os puritanos ainda a bordo do Mayflower, para que pudessem viver em paz na nova colônia, fundando uma sociedade regulada por leis e costumes que deveriam ser observados por todos. Uma dessas regulações iniciais parece ter sido o cultivo coletivo da terra. Porém, ao que tudo indica, isso não gerou resultados satisfatórios, havendo o risco de não se produzir o suficiente para alimentar toda a coletividade. Bradford foi, então, capaz de documentar a mudança de estratégia realizada:

So they began to think how they might raise as much corn as they could, and obtain a better crop than they had done, that they might not still thus languish in misery. [...] [A]fter much debate of things, the Governor [...] gave way that they should set corn every man for his own particular, and in that regard trust to themselves; in all other things to go on in the general way as before. And so assigned to every family a parcel of land, according to the proportion of their number, for that end, only for present use [...] and ranged all boys and youth under some family. This had very good success, for it made all hands very industrious, so as much more corn was planted than otherwise would have been by any means the Governor or any other could use, and saved him a great deal of trouble, and gave far better content. The women now went willingly into the field, and took their little ones with them to set corn; which before would alleage weakness and inability [...]. (BRADFORD, 2012, p. 216)

A partir desse momento, a economia dos puritanos da Nova Inglaterra baseou-se na existência de pequenas propriedades de terra, nas quais trabalhavam os membros das famílias que as possuíam. Como é possível perceber no trecho acima, não escapou à observação de Bradford o fato de que a possibilidade de cultivar a própria terra e gerir todo o produto gerado nela parece ter tornado as pessoas mais dispostas ao trabalho, inclusive as mulheres e as crianças. Mais tarde, também se desenvolveram as manufaturas de produtos essenciais, voltados

principalmente para o mercado interno, ao contrário do que acontecia com a região Sul, cuja produção se dirigia majoritariamente à exportação.

Também diferentemente da situação das colônias sulistas, o letramento não era tão escasso no Norte, uma vez que a educação religiosa puritana pressupunha a leitura individual e constante da Bíblia. Ademais, Bradley, Beatty e Long nos informam que alguns dos primeiros puritanos eram realmente cultos, principalmente os clérigos e os governadores das colônias, e a Nova Inglaterra foi capaz de produzir, mesmo no século XVII, um corpo considerável de escrita. Ainda assim, “não eram literatos no sentido profissional e estavam concentrados em subjugar uma imensidão inóspita, construir casas e fundar uma nova sociedade civil, na qual haviam apostado suas vidas” (BRADLEY; BEATTY; LONG, 1967, p. 5, tradução nossa). O principal propósito dos escritos desses pioneiros não era obviamente estético ou artístico, mas instrutivo ou didático, empregando seu exemplo para glorificar a Deus e propagar a sua fé.

Bradford continuou registrando as experiências da colônia em seu diário até 1646. Cobrindo um intervalo de tempo tão grande, é graças a esse relato que hoje temos um conhecimento bastante detalhado a respeito das aventuras desses peregrinos na América. No início, o diário de Bradford foi passado de geração em geração dentro de sua família, tendo se perdido aproximadamente durante a guerra do período revolucionário, que conduziu à independência dos Estados Unidos. Reapareceu cerca de um século depois na Inglaterra e foi publicado pela primeira vez pela Sociedade Histórica de Massachusetts em 1856. Dessa forma, o valor histórico dos escritos de Bradford é inegável. Porém, eles também funcionaram como uma espécie de modelo para gerações de escritores puritanos posteriores. Autores como Cotton Matter e Jonathan Edwards, por exemplo, costumavam consultá-los e os utilizaram como fonte de inspiração e informações para suas obras.

Além disso, eles também ajudaram a estabelecer um gênero paradigmático para a escrita puritana na América, a jeremiada, na qual o autor, assim como diversos profetas bíblicos, lamenta a queda moral e espiritual de sua sociedade:

Corn and cattle rose to a great price, by which many were much enriched and commodities grew plentiful. And yet in others regards this benefit turned

to their hurt, and this accession of strength to their weakness. For now as their stocks increased and the increase vendible, there was no longer any holding them together, but now they must of necessity go to their great lots. They could not otherwise keep their cattle, and having oxen grown they must have land for ploughing and tillage. And no man now thought he could live except he had cattle and a great deal of ground to keep them, all striving to increase their stocks. [...] [S]ubtle serpent hath slyly wound himself under fair pretences of necessity and the like, to untwist these sacred bonds and ties. [...] It is now part of my misery in old age, to find and feel the decay and want therefore (in a great measure) and with grief and sorrow of heart to lament and bewail the same. (BRADFORD, citado em RULAND; BRADBURY, 1992, p. 12-13)

Se, no início de seu registro, Bradford parece bastante confiante de que os puritanos iriam conseguir vencer todas as dificuldades e fundar um novo reino cristão na América, conforme seu diário se aproxima do fim, ele apresenta um tom bem mais sombrio. Parece sentir que as coisas não saíram exatamente como deveriam ter saído e que a segunda geração de puritanos não foi capaz de corresponder aos anseios religiosos de seus pais, corrompendo-se de alguma forma. O irônico de tudo isso é ter sido a prosperidade o fator principal de corrupção, uma vez que, segundo o que se depreende da sua narração, a possibilidade de enriquecimento fez com se distanciassem, absortos que estavam em aumentar seus rebanhos e colheitas, afastando-se da vida de partilha comunitária e de sacrifícios sagrados que desfrutavam antes. De qualquer maneira, o sucesso desses primeiros puritanos fez com que um novo grupo, dessa vez mais numeroso e bem preparado, desembarcasse na Nova Inglaterra a partir de 1630, fundando a Colônia da Baía de Massachusetts, que, em anos futuros, iria absorver Plymouth e se tornar a maior colônia da Nova Inglaterra.

Uma cidade sobre uma colina

John Winthrop foi um dos líderes dessa nova onda de puritanos, sendo eleito o primeiro governador da Colônia da Baía de Massachusetts. Ainda a bordo do *Arbella*, o navio que o trouxe para a Nova Inglaterra, ele escreveu o sermão “A Model of Christian Charity” (1630), proferindo-o

de início provavelmente para seus companheiros de viagem. Ao lado dos diários, narrativas autobiográficas e histórias – como, por exemplo, *The General History of Virginia*, escrita em 1624 por John Smith, um dos fundadores da colônia de Jamestown –, o sermão tornou-se um dos gêneros mais utilizados de escrita na América colonial.

O sermão era a forma nativa essencial, assim como um evento central da vida puritana numa congregação em que o ministro era a figura chave na manutenção do pacto social e religioso. Era uma forma de comunicação e comunhão providencial e um local de testes para a palavra em sua capacidade de expor e interpretar os significados de Deus. [...] [O] sermão era um discurso afetivo, uma fala e uma escrita cheia de propósitos e inspiração, designados para gerar emoção e fé. (RULAND; BRADBURY, 1992, p. 16-17, tradução nossa)

Winthrop não é o iniciador dessa tradição, que obviamente já existia na Europa e mesmo na América, entre os primeiros pastores puritanos. Porém, há algo de diferente e emblemático em seu sermão. Os sermões religiosos normalmente começam com uma passagem bíblica à qual fazem referência ou tencionam explicar. O texto de Winthrop se baseia na “Primeira carta de São Paulo aos Coríntios”, conhecida atualmente como “Hino ao amor”, mas que, na época, de acordo com a tradução da Bíblia encomendada pelo Rei James I, era considerada um louvor à caridade cristã. Mas Winthrop não menciona nem cita o hino de Paulo no início de seu sermão. Ainda que, por seu título e tema, fosse clara para os seus ouvintes a fonte bíblica de onde ele retirara a base para suas palavras, o modelo que ele propõe de caridade ou amor cristão é bastante diferente daquele proposto por Paulo, o que dá um contorno um tanto laico a sua preleção.

Diferentemente de Paulo, que se concentra apenas no amor, Winthrop inicia o seu sermão com uma defesa da hierarquia social existente no mundo:

God Almighty, in His most holy and wise providence, hath so disposed of the condition of mankind, as in all times some must be rich, some poor, some high and eminent in power and dignity; others mean and in submission. (WINTHROP, 2012, p. 01)

Pode parecer estranho começar um texto que se pretende ser um modelo para a caridade cristã com uma afirmação tão incisiva a respeito da desigualdade entre os homens, mas Winthrop tem um propósito claro. Para ele, há pelo menos três razões para a existência da disparidade na sociedade humana: a primeira, para estar em conformidade com todo o restante da criação de Deus, caracterizada pela variedade e diferença entre as criaturas; a segunda, para moderar e restringir os homens, fazendo com que os ricos não abusem dos pobres e que os pobres não se revoltam contra o jugo imposto a eles pelos ricos, tornando possível em todos o exercício das melhores virtudes, como o amor, a misericórdia, a temperança, a paciência e a obediência; e a terceira, para unir os homens em laços de afeição, uma vez que todos precisam uns dos outros. Dessa forma, de acordo com Winthrop, é exatamente a desigualdade que torna possível o amor cristão entre os seres humanos:

The definition which the Scripture gives us of love is this: Love is the bond of perfection. First it is a bond or ligament. Secondly, it makes the work perfect. There is no body but consists of parts and that which knits these parts together, gives the body its perfection, because it makes each part so contiguous to others as thereby they do mutually participate with each other, both in strength and infirmity, in pleasure and pain. To instance in the most perfect of all bodies: Christ and his Church make one body. The several parts of this body considered a part before they were united, were as disproportionate and as much disordering as so many contrary qualities or elements, but when Christ comes, and by his spirit and love knits all these parts to himself and each to other, it is become the most perfect and best proportioned body in the world (Eph. 4:15-16). [...] So this definition is right. Love is the bond of perfection.

From hence we may frame these conclusions:

First of all, true Christians are of one body in Christ (1 Cor. 12). Ye are the body of Christ and members of their part. All the parts of this body being thus united are made so contiguous in a special relation as they must needs partake of each other's strength and infirmity; joy and sorrow, weal and

woe. If one member suffers, all suffer with it, if one be in honor, all rejoice with it. (WINTHROP, 2012, p. 05)

Nesse sentido, o amor cristão é o ligamento que vai unir as partes diferentes e desconjuntadas do corpo social da coletividade. Contudo, se, para Paulo, tanto judeus quanto gentios devem ser amados, uma vez que todos podem ser convertidos e salvos se aceitarem a palavra de Jesus, para Winthrop, o amor cristão só pode unir os membros da igreja. Para ele, Deus havia estabelecido um pacto com os puritanos, conduzindo-os para uma terra nova, na qual eles formariam uma nova sociedade, “uma cidade sobre uma colina”, em suas próprias famosas palavras (WINTHROP, 2012, p. 09, tradução nossa). Convencido de que os puritanos eram o povo eleito de Deus, Winthrop entende que apenas eles podem e devem ser amados, excluindo da experiência do amor cristão todos aqueles pertencentes a outros credos.

Essa excepcionalidade dos puritanos se relaciona com a sua crença na predestinação. Em suma, eles acreditavam que Deus havia escolhido alguns poucos seres humanos para o dom da salvação e excluído outros. Essa noção vinha, em grande parte, das ideias de João Calvino, expostas em *Institutes of the Christian Religion* (1534), que funcionava como uma obra basilar para os puritanos, considerados como uma variante do Calvinismo. De acordo com Calvino, a salvação não dependia das boas obras dos homens, mas apenas da vontade de Deus. Isso também se estendia à figura de Cristo. Para ele e os puritanos que o seguiam, Cristo não havia morrido para redimir os pecados de todos, mas apenas daqueles que já haviam sido escolhidos por Deus e que seriam afinal salvos. A reparação oferecida pelo sacrifício de Cristo era, então, entendida como limitada aos eleitos. Ainda que não pudessem ter certeza de que seriam realmente salvos, já que mesmo a realização de boas obras não garantia a salvação, os puritanos acreditavam que deviam manter uma vida santificada porque era o que se esperava dos que houvessem sido selecionados pela vontade divina. Mas eles também supunham que Deus podia enviar alguns sinais para os seus escolhidos, mostrando a eles que estavam predestinados para o céu. Nesse sentido, os primeiros puritanos na América do Norte interpretaram seu sucesso colonial como um sinal de Deus. Eles logo se convenceram de que eram um povo

escolhido destinado a criar um novo e verdadeiro reino cristão no Novo Mundo.

Assim, expressões como a “cidade sobre uma colina” de Winthrop, “novo Israel” ou “jornada” faziam frequentemente parte dos seus discursos. Para Sacvan Bercovitch (1974), todos esses termos devem ser interpretados de acordo com referências bíblicas. “Jornada” significava tanto a jornada individual do fiel para Deus quanto o chamado coletivo para o Novo Mundo, a nova terra prometida, enquanto que “novo Israel” implicava o novo povo eleito. Finalmente, “uma cidade sobre uma colina” significava o estabelecimento de uma sociedade espiritualmente elevada no padrão das grandes cidades sagradas da Bíblia. Bercovitch também afirma que os puritanos viam o Novo Mundo como um equivalente moderno do deserto através do qual os israelitas chegaram a Canaã. Assim como os israelitas passaram por uma série de dificuldades antes de chegar a Canaã, os puritanos acreditavam que teriam que se esforçar para sobreviver na América.

Na verdade, os puritanos empregavam a leitura tipológica como um método para interpretar o mundo em que viviam. Em essência, esse era um modo de ler a Bíblia, de acordo com o qual o Velho Testamento funciona como uma prefiguração ou tipo para o Novo Testamento, que seria, assim, a sua realização ou antítipo. Nesse sentido, o sacrifício de Isaac, por exemplo, prefiguraria o de Cristo, que o realizaria plenamente. Ou é possível entender que o próprio Cristo seria a realização de tudo o que foi prefigurado ou previsto no Velho Testamento. Os puritanos simplesmente transportaram essa forma de ler as escrituras para a interpretação de sua própria realidade. Dessa forma, eles olhavam para a Bíblia em busca de precedentes para os quais a sua situação na América funcionasse como uma realização. Toda a Bíblia se transformava, assim, num tipo e as suas experiências eram vistas como antítipos que os tipos bíblicos haviam previsto. Vendo-se como um “novo Israel”, os puritanos, na verdade, não se consideravam um povo eleito a mais. Eles acreditavam que eram de fato a realização do que os antigos israelitas apenas prefiguravam.

Essa é a base para a excepcionalidade presente no sermão de Winthrop, que também se configura como um texto modelar para a ética econômica puritana. Winthrop fornece, por exemplo, conselhos a respeito de como se emprestar dinheiro e de como cobrar uma dívida sem ferir os

preceitos religiosos. Diferentemente do que aconteceu ao grupo de Bradford em seus primeiros dias na América, os puritanos de Winthrop não têm mais pretensões de formar uma sociedade baseada na posse coletiva da terra e na divisão igualitária de seus produtos. Ao contrário, a ideia da propriedade individual e sobretudo do lucro já é algo absolutamente estabelecido para eles, algo que se relaciona a sua crença em seu caráter excepcional. Afinal, parecia-lhes bastante natural que Deus reservasse aos seus eleitos toda a prosperidade possível. E realmente esses puritanos foram capazes de fundar centros urbanos bastante prósperos e importantes posteriormente para a economia americana, como Boston, por exemplo. Nesses locais, além da atividade econômica e religiosa, a literatura também prosperou, e surgiram as primeiras manifestações de um gênero ainda pouco explorado pelos puritanos, mas que em breve também ganharia uma certa importância: a poesia.

A musa surgida no Novo Mundo

A poesia realmente não havia conquistado uma posição privilegiada entre os puritanos porque eles mantinham uma acentuada desconfiança em relação à linguagem figurada ou excessivamente ornamental. O que caracterizava a maioria dos seus escritos era o *plain style*, o estilo simples, em grande parte, desprovido de ornamentos e ambiguidades. Em suma, eram palavras simples, empregadas geralmente numa ordem clara e direta. Na verdade, os puritanos escreviam dessa forma porque acreditavam que a palavra de Deus não podia ser melhorada pela ornamentação do ser humano. Eles também desejavam que um número cada vez maior de pessoas pudesse ter acesso e entender a mensagem divina, daí a necessidade de tornar o texto o mais fácil possível. Nesse sentido, a linguagem figurada era aceita apenas quando empregada para a instrução religiosa, como no caso da metáfora “uma cidade sobre a colina”, usada para inspirar os puritanos na construção da nova sociedade religiosa que pretendiam erigir no Novo Mundo. A primeira pessoa a publicar um livro de poesia entre os puritanos da América foi uma mulher, Anne Bradstreet, que escrevia seus poemas no *plain style*, sem chamar muita atenção sobre a linguagem, enfatizando frequentemente, em contrapartida, os conteúdos religiosos, mesmo quando tratava de temas cotidianos. Porém, é possível perceber, em seus escritos,

uma tensão ou questionamento constante em relação a certas crenças religiosas ou mesmo sociais, características de sua época.

Bradstreet foi outra importante passageira do Arbella a desembarcar em Massachusetts em 1630, e é bem possível que tenha ouvido o sermão de Winthrop em primeira mão. Oriunda de uma família para a qual a prosperidade era certamente uma realidade, ela recebeu uma educação mais liberal e refinada do que costumeiramente se oferecia às mulheres puritanas. Ainda na Europa, teve acesso à tradição poética inglesa, interessando-se principalmente pelos poetas metafísicos, como John Donne e Andrew Marvell, que parecem ter influenciado sua poesia. Tanto seu pai como seu marido desempenharam o papel de governadores da Colônia da Baía de Massachusetts, e nenhum dos dois jamais se opôs a sua atividade como poeta. Apesar de ter dado à luz vários filhos, Bradstreet foi capaz de continuar escrevendo, pois os recursos da família permitiam que ela mantivesse criados e não tivesse que despender todo o seu tempo no cuidado da casa e das crianças. Ainda assim, muito da sua poesia retrata o universo doméstico, que era a esfera destinada às mulheres de seu tempo. Na verdade, esse seu cenário cotidiano funciona frequentemente como o espaço a proporcionar reflexões metafísicas a respeito da vida e dos desígnios divinos.

Apesar de receber o apoio familiar e de escrever prolificamente, Bradstreet hesitou, durante muito tempo, em publicar seus poemas, já que as mulheres intelectuais não eram bem vistas pelos puritanos seus contemporâneos. Numa viagem à Inglaterra, um de seus irmãos levou, na bagagem, alguns dos primeiros poemas escritos por ela e os submeteu à publicação numa editora inglesa, conforme normalmente se acredita, sem o seu consentimento. A coletânea recebeu o significativo título de *The Tenth Muse Lately Sprung up in America* (1650), o que não deixa de revelar um certo conflito, já que Bradstreet não ocupava obviamente o papel tradicional de musa inspiradora, mas sim o da própria poeta a escrever poemas, assim como seus colegas do sexo masculino. Também chama a atenção o fato de que o título mencionava o “surgimento” de Bradstreet na América, o que também emprestava um caráter excepcional a sua situação de mulher poeta, adicionando a isso a sua localidade no Novo Mundo. O livro receberia uma segunda edição, com a inclusão de novos poemas, mais complexos e elaborados, vinte e oito anos depois, já em caráter póstumo.

Mesmo hesitando inicialmente em tornar sua poesia conhecida do grande público e sem jamais romper abertamente com as expectativas em torno do papel tradicional de uma mulher em sua sociedade, Bradstreet foi capaz de questionar muitas dessas imposições, apresentando um ponto de vista diferenciado sobre a situação feminina. O poema “To My Dear and Loving Husband” parece ilustrar bem essa rebeldia sutil, mas certamente presente, contra as amarras à capacidade de sentir e refletir das mulheres:

If ever two were one, then surely we.
If ever man were loved by wife, then thee;
If ever wife was happy in a man.
Compare with me, ye women, if you can.
I prize thy love more than whole mines of gold
Or all the riches that the East doth hold.
My love is such that rivers cannot quench,
Nor ought but love from thee, give recompense.
Thy love is such I can no way repay,
The heavens reward thee manifold, I pray.
Then while we live, in love let's so persevere
That when we live no more, we may live ever. (BRADSTREET, 2012a, p. 01)

Se, aos olhos contemporâneos, esse poema poderia parecer um tanto conservador, já que afinal apenas louvaria o amor marital, na época e no contexto cultural de Bradstreet, ele não deixa de ser um grande feito. Entre os puritanos seus contemporâneos, era comumente aceita a noção de que o amor entre marido e esposa, ainda que sancionado pela religião, fosse algo contido e reprimido, sem grandes efusões públicas, em virtude do decoro social, mas também para não distrair os cônjuges de sua devoção a Deus, que devia ser o centro de seus afetos. Bradstreet não apenas se rebela contra isso, ao escrever um poema louvando justamente seu relacionamento com o marido, como acaba transformando o amor do casal numa experiência capaz de conduzi-los à recompensa da vida eterna, conforme aparece expresso nos dois últimos versos. Assim, o amor entre homem e mulher é uma experiência religiosa por excelência, capaz de fazer com que ambos se aproximem da esfera divina. Além disso, também não

é pouca coisa o fato de ela colocar a mulher e a veemência de seus sentimentos num patamar de igualdade com o homem. A mulher é retratada, em seu poema, como capaz de sentir, amar e desejar na mesma intensidade que o alvo masculino dos seus afetos.

Em outro momento, no “Prologue”, um longo poema de oito estrofes com seis versos cada, que introduz a segunda edição de sua coletânea, Bradstreet também discute a questão da situação feminina, dessa vez diretamente em relação à vocação e ao exercício do ofício da escrita. Logo na primeira estrofe, ela parece assumir uma posição humilde diante dos temas mais elevados e reverenciados na história da literatura:

To sing of Wars, of Captains, and of Kings,
Of Cities founded, Common-wealths begun,
For my mean Pen are too superior things;
Or how they all, or each their dates have run,
Let Poets and Historians set these forth.
My obscure lines shall not so dim their worth. (BRADSTREET, 2012b, p. 01)

Trata-se de uma inteligente estratégia retórica, através da qual Bradstreet faz uma coisa, afirmando não ser capaz de realizá-la. A princípio ela parece se recusar a assumir um posicionamento ofensivo demais diante de seu público leitor, composto, em sua maioria, certamente por homens e bastante reticente – para dizer o mínimo – em relação à capacidade feminina de escrever poesia. Assim, ela parece aceitar que esses tópicos literários superiores não são para ela e outras mulheres poetas, como se não questionasse a suposta inferioridade feminina em abordá-los. Consegue, dessa forma, fazer com que seus leitores não se sintam confrontados com sua atitude poética. Contudo, a questão dos tópicos parece ser circunstancial. Ainda que realmente não aborde esses grandes temas, ela ainda assim apresenta, ao seu público, um poema escrito com talento e perícia, algo que, em última análise, desafia a crença de que as mulheres não seriam capazes de escrever boa poesia.

Algumas estrofes mais adiante, ela toma inclusive uma posição mais ousada, ao declarar o seguinte:

I am obnoxious to each carping tongue
Who says my hand a needle better fits.
A Poet's Pen all scorn I should thus wrong,
For such despite they cast on female wits.
If what I do prove well, it won't advance,
They'll say it's stol'n, or else it was by chance. (BRADSTREET, 2012b, p. 01)

Nesse momento, Bradstreet abandona completamente a questão da alegada incapacidade poética feminina para investir contra as impiedosas línguas que criticam sua atividade de poeta. Revela se ressentir com as afirmações de que os trabalhos domésticos seriam mais adequados a sua condição, e, ao permitir que esse ressentimento seja percebido nas entrelinhas de seu poema, demonstra uma rebeldia contra as limitações de gênero impostas a sua expressão artística. Bradstreet também enfatiza que é bem capaz de “*prove well*” na poesia, ou seja, ela reconhece que tem a habilidade de escrever com maestria. O problema, portanto, não seria esse, mas sim o desprezo com que seus esforços seriam recebidos, com qualquer grande feito poético seu sendo considerado apenas o produto de uma cópia da realização de outros poetas homens ou, então, o resultado de um mero acaso.

Depois de ter avançado tanto, ela se retira mais uma vez para uma posição aparentemente humilde:

Let Greeks be Greeks, and Women what they are.
Men have precedency and still excel;
It is but vain unjustly to wage war.
Men can do best, and Women know it well.
Preeminence in all and each is yours;
Yet grant some small acknowledgment of ours. (BRADSTREET, 2012b, p. 01)

Consciente das restrições em torno da manifestação artística das mulheres, Bradstreet parece sucumbir e aceitar apenas uma ínfima parcela de reconhecimento. Contudo, é mais uma brilhante estratégia. Na verdade, o poema em questão e todos os outros que compõem o livro são uma prova de que ela não se rendeu. Sua maestria, nesse poema particular, é

tamanha que ela consegue, ao mesmo tempo, serenar os ânimos dos detratores do talento e da inteligência feminina e defender a capacidade artística das mulheres, apresentando um produto que contradiz qualquer tentativa de inferiorização.

Em outros poemas, Bradstreet ainda foi capaz de dar forma a uma certa tensão entre a crença puritana de que não é adequado se apegar excessivamente às coisas do mundo e a profunda angústia diante da perda de pessoas e objetos amados. Um exemplo disso é o poema “On My Dear Grandchild Simon Bradstreet”, escrito após a morte de seu neto, o terceiro que ela perdeu num espaço de poucos anos:

[...]

Three flowers, two scarcely blown, the last in the bud,

Cropped by the Almighty's hand; yet is He good.

With dreadful awe before Him let's be mute,

Such was His will, but why let's not dispute,

With humble hearts and mouths put in dust,

Let's say He's merciful as well as just.

[...] (BRADSTREET, citado em BRODEY; MALGARETTI, 2002, p. 291)

Ainda que não ouse questionar abertamente a vontade divina de ceifar mais essa vida, depois que duas outras já haviam sido precocemente encerradas, Bradstreet não se furta de representar o assombro e a dor diante de um Deus capaz de lhe retirar tamanho bem. A atitude de obediência humilde, marcada pela mudez e por manter o rosto no chão, mal consegue mascarar a revolta interior diante da perda de entes tão queridos. Nesse sentido, o relacionamento com esse Deus, chamado de misericordioso e justo, mas que acaba sendo sentido como o oposto desses atributos, não pode ser assim tão pacífico. De qualquer forma, a poesia de Bradstreet é uma prova de que a vida intelectual dos puritanos na América seiscentista não era marcada apenas por um rígido obscurantismo. Nem tudo era plácida aceitação de verdades dogmáticas. Os seus escritos e poemas revelam que havia espaço, ainda que restrito, para reflexões e questionamentos surgidos de conflitos com a fé e com a sociedade. No século seguinte, mais luz começou a ser lançada sobre essas pequenas áreas de tensão.

Outras considerações

O auge do puritanismo na América foi o século XVII, mas é inegável que muitos de seus conteúdos permaneceram presentes na cultura e na literatura americanas dos séculos seguintes, chegando mesmo até a atualidade. Contudo, conforme o século XVIII avançava, o puritanismo americano, como vertente principal do pensamento nativo, entrava em decadência, confrontado pelas ideias iluministas que se tornavam cada vez mais difundidas no país. Jonathan Edwards talvez represente bem esse momento tenso de transição porque toda sua obra foi uma tentativa de conciliar o inconciliável: a fé puritana com os preceitos do Iluminismo. Herdeiro de uma tradição familiar de ministros religiosos e dotado de grande precocidade, Edwards ingressou em Yale, na época uma escola de pastores, aos treze anos de idade. Lá ele leu extensivamente as obras de John Locke, um filósofo empírico. Para Locke, os princípios que regulam a natureza e seus fenômenos podiam ser apreendidos através da observação, da experimentação por meio dos sentidos físicos. Ao contrário dos puritanos, que viam a natureza e o ser humano como essencialmente decaídos, Locke acreditava que ambos eram divinos porque criados por Deus e que a razão também era sublime, uma vez que havia sido concedida aos homens pelo Criador. Nesse sentido, ele entendia que os seres humanos deveriam utilizar a razão para obter o conhecimento porque, ao fazer isso, estariam acrescentando ao trabalho de Deus.

Edwards foi bastante influenciado pelas ideias de Locke, especialmente em relação à qualidade divina da faculdade da razão. Seu trabalho foi tentar combinar a noção puritana da total depravação do homem e da natureza com a ideia iluminista de que a razão é divina e de que o conhecimento pode ser obtido através da observação dos fenômenos naturais. Ele tentou, por exemplo, olhar para a natureza de uma nova forma, empregando-a como um veículo para se pensar sobre Deus. Isso era uma novidade em relação ao puritanismo tradicional, que via o mundo natural apenas como demoníaco, uma esfera que era necessário sobrepujar para se realizar a obra de Deus. Mas Edwards apresentava uma nova perspectiva a respeito da natureza:

The soul of a true Christian [...] appeared like such a little white flower as we see in the spring of the year, low and humble on the ground, opening its bosom to receive the pleasant beams of the sun's glory, rejoicing, as it were, in a calm rapture, diffusing around a sweet fragrance, standing peacefully and lovingly in the midst of other flowers [...] to drink in the light of the sun. (EDWARDS, citado em ELLIOTT, 1994, p. 301)

Nessa passagem, Edwards compara a alma do verdadeiro cristão a uma flor que desabrocha para receber os raios solares. É uma imagem que evoca inequivocamente o processo iluminista de despertar para uma nova consciência, um novo dia da razão. Edwards alia essa metáfora da conscientização do Iluminismo à graça divina concedida por Deus ao fiel e que emana dele como o perfume da flor a contagiar as outras ao seu redor. O jardim florido funciona, então, como essa imagem da natureza sendo usada para retratar a comunidade dos cristãos no momento em que são tocados pela graça de Deus.

Ironicamente, a imagem que Edwards pintou de um jardim desabrochando ao sol parece representar o último sopro vigoroso do puritanismo na corrente principal da cultura americana. Contudo, é inegável que as crenças puritanas influenciaram o modo como os americanos viram a si mesmos e a seu país em todo o seu processo histórico até os nossos dias. A ideia da excepcionalidade dos Estados Unidos como uma nação predestinada vem, em grande parte, de raízes puritanas. Em muitas de suas recentes ações militares contra outras nações, ainda está implicada a noção de que os americanos são um povo escolhido, lutando para levar a liberdade e elevados valores espirituais e democráticos a outras sociedades “menos iluminadas”. Porém, esse não é o único lado do sonho americano, concebido desde o seu período colonial. Os puritanos também acreditavam em disciplina, trabalho árduo, moderação e frugalidade. Entendiam que podiam ser bem-sucedidos a partir de seus próprios esforços. E realmente eles começaram do nada e foram capazes de erigir aquela que se tornou uma das regiões mais prósperas da história americana. Nesse sentido, também foram alguns dos responsáveis pela propagação do princípio que está na base do sonho americano, a ideia que os seres humanos podem prosperar na vida, através de sua própria dedicação, independentemente de sua origem.

Nota

¹ A grafia das palavras, nesse trecho e nos seguintes, foi atualizada.

REFERÊNCIAS

BERCOVITCH, S. *The American Puritan Imagination*. Cambridge: Cambridge University Press, 1974.

BRADFORD, W. *Of Plymouth Plantation*. Disponível em: http://mith.umd.edu//eada/html/display.php?docs=bradford_history.xml. Acesso em: 02 nov. 2012.

BRADLEY, S.; BEATTY, R. C.; LONG, E. H. (eds). *The American Tradition in Literature*. New York: W. W. Norton Book, 1967.

BRADSTREET, A. To My Dear and Loving Husband. Disponível em: http://www.wwnorton.com/college/english/nap/to_my_dear_and_loving_husband_anne.htm. Acesso em: 02 nov. 2012a.

_____. Prologue. Disponível em: <http://www.annebradstreet.com/prologue.htm>. Acesso em: 02 nov. 2012b.

BRODEY, K.; MALGARETTI, F. *Focus on English and American Literature*. Milan: Modern Languages, 2002.

ELLIOTT, E. Reason and Revivalism. In: BERCOVITCH, S. (ed). *The Cambridge History of American Literature – 1590-1820*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994, p. 279-306.

MILLER, P. (ed). *The American Puritans, their Prose and Poetry*. New York: Doubleday Anchor Books, 1956.

MOMADAY, N. S. The Native Voice. In: ELLIOTT, E. (ed). *The Columbia Literary History of the United States*. New York: Columbia University Press, 1988, p. 5-15.

RULAND, R.; BRADBURY, M. *From Puritanism to Postmodernism. A history of American Literature*. New York: Penguin Books, 1992.

WINTHROP, J. A Model of Christian Charity. Disponível em: <http://religiousfreedom.lib.virginia.edu/sacred/charity.html>. Acesso em: 02 nov. 2012.